

Perpetradores de ESCCA:

Perfis dos participantes na exploração sexual comercial de crianças e adolescentes



Resumo executivo disponível online

O Brasil apresenta um problema crítico de Exploração Sexual Comercial de Crianças e Adolescentes (ESCCA) que atinge milhares de pessoas e é especialmente agravado por condições socioeconômicas, gênero e raça. O município de Recife, em Pernambuco, e sua região metropolitana (RMR), apresentam indicadores desafiadores em relação a este fenômeno. Por meio de 52 entrevistas qualitativas, encontramos perfis para a) a pessoa que pratica a exploração sexual contra a criança e/ou adolescente, e b) outros facilitadores envolvidos na organização do processo de exploração sexual comercial que se beneficiam da exploração.

Perfil do explorador-comprador:

- Homem entre 40 e 50 anos, casado, com uma boa condição financeira (em comparação à criança e/ou adolescente).
- Não possui relação familiar com as vítimas.
- 50% têm uma clara preferência por pessoas com menos de 18 anos (percentual estimado por adultos que fazem trabalho sexual).
- Majoritariamente brasileiros, mas em territórios turísticos são encontrados também estrangeiros.
- O que leva os homens a esse tipo de comportamento é uma característica negativa e intrínseca aos mesmos, descrita como "safadeza". A "safadeza" é entendida como uma escolha dos homens, não uma patologia.

Perfil do explorador-facilitador:

- Entre todos os perfis de entrevistados, a maior parte dos relatos apontou para uma recorrência significativa de mães intermediando seus/suas filhos/as.
- A situação econômica das famílias está diretamente ligada à ocorrência da ESCCA.
- É menos claro quantas mães ou familiares sabem que suas filhas estão envolvidas na ESCCA e não fazem nada para impedir a exploração, contra quantas usam força ou ameaças para submeter suas filhas à ESCCA.
- Guias turísticos podem ser intermediários das situações de exploração.
- Em relação aos valores recebidos em troca dos atos sexuais e ao montante que é repassado para a criança/adolescente, os entrevistados estimam que aproximadamente entre 5% e 25% dos valores ficam com a criança/adolescente, enquanto o restante é retido pelo/a intermediário/a.

Informantes

- Profissionais do sexo
- Guias de turismo
- Profissionais que trabalham em contextos que favorecem a ESCCA dentro do território de análise
- Especialistas na temática
- Motoristas de táxi e aplicativos de mobilidade
- Um perpetrador de violência sexual já condenado pela Justiça



Porque aquele cara que sai assim com o carro (...), ele diz: "Eu vou te dar tanto". Aí a mãe: "Vai, Fulana. Vai. Vai ganhar dinheiro". Eu já escutei isso. "Vai menina. Vai ganhar dinheiro. E se eu tivesse essa tua idade, eu já estava era cheia de dinheiro. Eu estava rica". Já escutei isso na minha frente.

[Taxista, mulher cis]



Geralmente quando é muito novinha a cafetina cobra bem mais. Dá 150 reais a ela e o resto é dela. A última vez, o último caso que eu fiquei sabendo, eu não vi, que ela cobra 500 reais. Entendeu? Não. Ela cobra a parte dela. E cobra os 500 reais do programa da menina. Agora o quanto ficou para ela não se sabe ainda.

[Profissional de sexo, mulher cis]



Estava analisando-a sempre, tipo o jeito dela. Às vezes dava... "Toma um dinheiro. 10 reais, 20, toma 30. Toma isso, toma uma roupa, toma um celular". Entendeu? Foi através daí que ela se apegou mais a mim, ela se apegou a mim, tudinho. Foi daí que eu aproveitei a boa vontade.

[Perpetrador condenado, homem cis]

Perfil sociológico da exploração:

- Apesar de a ESCCA ser considerada um fenômeno bastante comum, todos os participantes no estudo acreditam que suas comunidades consideram a ESCCA um crime e algo moralmente condenável. Porém, em muitos casos, esta condenação só ocorre quando as vítimas são menores de 14 anos, mostrando uma percepção errônea comum.
- A condenação generalizada da ESCCA convive também com sua normalização e incentivo por parte significativa das famílias das vítimas, particularmente em situações de extrema vulnerabilidade social que impõem a naturalização de situações de exploração como meio de sobrevivência.
- Poucos entrevistados conseguiram citar serviços de combate à ESCCA em suas comunidades. Foram mencionadas a polícia e o Conselho Tutelar, mesmo assim com ressalvas ao seu funcionamento, percebido como precário e ineficaz. ONGs, Programa Escola Aberta e programas de transferência de renda também foram citados como fatores de prevenção/combate à ESCCA.
- Mesmo diante da ampla condenação social da prática, não são apontadas ações concretas para potencializar as denúncias, devido ao medo de possíveis retaliações. Isto, em conjunto com a descrença na punição legal quando comparada com a punição através da própria comunidade, torna a exploração um crime difícil de ser punido.
- Em contrapartida, em relação aos intermediários da exploração sexual, as punições parecem mais amenas e existe descrédito sobre a descoberta e cumprimento da lei sobre elas, em relação às punições relacionadas ao abuso sexual.



Dependendo da idade, eu acho que seria um crime de pedofilia. De 14 para baixo é pedofilia. 15, 16, 17 anos... dá problema, mas não é tanto quanto de 13, 14 anos. É, na brincadeira. Dizem: "Ela tem 14, ele tem 14, já sabe o que quer. Ele tem 13 já sabe o que quer." E não é assim.

[Taxista, homem cis]



É muito comum trocar uma lata de sardinha pra fazer sexo com uma menina, com a convivência das famílias, né, isso é muito naturalizado ainda na nossa região.

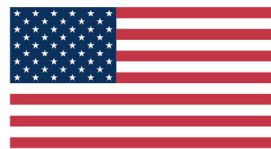
[Especialista]

Maio de 2023

Esta pesquisa foi financiada pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. As opiniões, constatações e conclusões aqui apresentadas são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as do Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Recomendações para o enfrentamento da ESCCA na RMR

- **É necessário que as campanhas de conscientização contra a ESCCA foquem nas desconstruções de normas que facilitam a ESCCA**, como a aceitação da exploração de adolescentes com 14 anos ou mais ou a naturalização da exploração como meio de sobrevivência. Bem como na desconstrução dos padrões de masculinidade dominante, relacionados a poder e virilidade.
- **Adoção de abordagens diferenciadas para grupos de perpetradores de ESCCA distintos, nomeadamente aqueles que sofrem de pedofilia e homens que não são afetados por esse tipo de transtorno (a grande maioria dos perpetradores).** As abordagens devem incluir programas de prevenção apropriados para cada idade bem como tratamento para agressores visando evitar a reincidência.
- **Enfrentar urgentemente a ESCCA online e retomar o enfrentamento ao turismo sexual.** Isso inclui aumentar a responsabilização do setor privado, a pactuação e o monitoramento de compromissos, a exemplo do código de conduta ética para o setor de turismo.
- **Projetos de enfrentamento à ESCCA que passem pela oferta de melhores condições de vida para as famílias.** Esses projetos são fundamentais para resgatar crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual. Eles podem envolver construção de projetos de vida (para as famílias e/ou para adolescentes), profissionalização e inserção no mercado de trabalho.



The Freedom Fund is a United States 501(c)(3) public charity (EIN number 30-0805768). The Freedom Fund UK is a company limited by guarantee registered in England and Wales (company number 08926428) and a registered UK charity (registration number 1158838).

The Freedom Fund (UK)
Lighterman House
30 Wharfedale Road
London N1 9RY
☎ +44 20 3777 2200

The Freedom Fund (US)
315 Flatbush Avenue
#406
Brooklyn NY 11217
☎ +1 929 224 2448